

# CORREIO DO VOLTA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES  
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

## ASSUMPTOS HISTORICOS

### O BOBO

O leitor que não conhecesse por dentro e por fóra, como se usa dizer, a vida da idade média, riria da pequice com que attribuímos valor político ao bobo do conde de Portugal. Pois o caso não é de rir. Naquelle epocha o cargo de truão correspondia até certo ponto ao dos censores da republica romana. Muitas paixões, sobre as quaes a civilisação estampou o ferrete de ignobeis, ainda não eram hypocritas; porque a hypocrisia foi o magnifico resultado que a civilisação tirou de sua sentença. Os odios e as vinganças eram lealmente ferozes, a dissolução sincera, a tirannia sem mysterio. No seculo XVI Philippe 2.º envenenava seu filho nas trevas de um calabouço; no principio do XIII Sancho I de Portugal arrancando os olhos aos clérigos de Coimbra, que recusavam celebrar os officios divinos nas igrejas interdictas, chamava para testemunhas d'aquelle feito todos os parentes das victimas. Philippe era um filicida politicamente covarde: Sancho um selvagem atrocemente vingativo. Entre os dous principes ha quatro seculos nas distancias de tempo e o infinito nas distancias moraes.

Numa sociedade em que as torpezas humanas assim appareciam sem veu, o julgar-as era facil. O difficiloso era condemnal-as. Na extensa escala do privilegio, quando um feito ignobil ou criminoso se praticava, a sua acção recaía, por via de regra, sobre aquelles que se achavam collocados nos degraus inferiores ao perpetrador do attentado. O systema das hierarchias mal consentia os gemidos: como seria portanto possível a condemnação? As leis civis, na verdade, procuravam annular ou pelo menos modificar esta situação absurda; mas era a sociedade que devorava as instituições, que não a comprehendiam a ella, nem ella comprehendia. Porque de reinado para reinado, quasi de anno para anno, vemos renovar essas leis, que tendiam a substituir pela equaldade da justiça a desigualdade das situações? E' porque semelhante legislação era letra morta, protesto inutil de algumas almas formosas e puras, que pretendiam fosse presente o que só podia ser futuro.

Mas no meio do silencio tremendo de padecer incrível e de soffrimento forçado, um homem havia que, leve como a propria cabeça, livre como a propria lingua, podia descer e subir a ingreme e longa escada do privilegio, soltar em todos os degraus d'ella uma voz de reprehensão, punir todos os crimes com uma injuria amarga e patentear deshonras de poderosos, vingando assim, muitas vezes sem o saber, males e oppressões de humildes. Este homem era o truão. O truão foi uma entidade mysteriosa da idade media. Hoje a sua significação social é desprezível e impalpavel; mas então era um espelho que reflectia, cruelmente sin-

tero, as feições hediondas da sociedade desordenada e incompleta. O bobo, que habitava nos paços dos reis e dos barões, desempenhava um terrivel ministerio. Era ao mesmo tempo juiz e algoz; mas julgando, sem processo, no seu foro intimo e pregando, não o corpo, mas o espirito do criminoso no potro immaterial do vilipendio.

E elle ria; ria continuo! Era rir diabolico o do bobo; porque nunca deixava de ir pulsar dolorosamente as fibras de algum coração. Os seus ditos satyricos, ao passo que suscitavam a hilaridade dos cortezaos, faziam sempre uma victima. Como o cyclope da Odissea, na sala d'armas ou do banquete; nos balcoes da praça do tavolado ou das tauromachias; pela noite brilhante e ardente dos saraus, e até junto dos altares, ao reboar do templo com as harmonias dos canticos e psalms, com as vibrações dos sons do orgão, no meio da atmosphera engrossada pelos rolos de fumo alvaco do incenso; em toda a parte e em todas as horas, o bufão tomava ao acaso o temor que infundia o principe, o barão ou o illustre cavalleiro, e o respeito que se devia a dona veneranda ou a dama formosa, e tocando-os com a ponta da sua palheta, ou fazendo-os voltar nos tintinabulos do seu adufe, convertia esse temor e respeito numa cousa truanesca e ridicula. Depois, envolvendo o caracter do nobre e grave personagem, atassalhado e cuspid, n'um epigramma sangrento ou n'uma allusão insolente, atirava-o aos pés da turba dos cortezaos. No meio, porem, das risadas estrepitosas ou do rir abafado, lançando de passagem um olhar brilhante e vago ao gesto confrangido e pallido da victima, e, como o tigre, recrudescendo com o cheiro da carniça, o bobo cravava de salto as garras n'aquelle a quem odio profundo ou inveja solapada fazia saborear com mais entenhavel deleite a vergonha e abatimento do seu inimigo. Então a pallidez d'este pouco a pouco deslisava n'um sorriso, e ia tingir as faces do cortezaõ que, havia instantes, se recreava folgado na vingança satisfeita. Se era um banquete ou sarau, onde o fumo do vinho e a ebriedade que nasce do contacto de muitos homens juntos, das danças, do passar das mulheres voluptuariamente adornadas, do cheiro das flores, das torrentes de luz que em milhões de raios aquece o ambiente, a loucura ficticia do truão parecia dilatar-se, agitar-se, converter-se num turbilhão infernal. Os motejos e as insolencias volteavam sobre as cabeças com incrível rapidez: as mãos que iam unir-se para approvar estrondosamente o fel da injuria vertido sobre uma fronte odiada, ficavam muitas vezes immoveis, contrahidas, convulsas, porque entre ellas tinha passado a setta de um epigramma azeirado, e havia batido no coração ou na consciencia de quem imaginava só applaudir a alheia angustia. E por cima d'aquelle estrepito de palmas, de gritos de rigidos de indignação, de gargalhadas, que gejavam frequentemente nos labios dos que as iam soltar, ouvia-se uma voz esganiçada que braçava e ria, um tinir argentino

de guizos, um som baço de adufe; viam-se brilhar dous olhos reluzentes e desvairados n'um rosto disforme, onde se pintavam o escarneo, o desprezo, a colera, o desfaçamento, confundidos e indistinctos. Era o bobo que n'esse momento imperava despótico, tyrannico, inexoravel, convertendo por horas a fragil palheta em sceptro de ferro, e erguendo-se altivo sobre a sua miseravel existencia como sobre um throno de rei—mais porventura que throno; por que n'esses momentos elle podia dizer: «os reis tambem são meus servos!»

Alexandre Herculano.

## AS MINHAS CARTAS

XIII

Dentro da esphera da minha razão cabem, perfeitamente á vontade, todos os grupos politicos da sociedade, desde que elles tenham como fim essencial o bem da patria, quer ella se limite a uma porção de territorio apenas, quer abranja todo o mundo e se estenda a toda a humanidade.

Não me importa que esses partidos sejam, á superficie, heterogeneos. Tenham elles sinceridade, tenham elles caracter, que no fundo se harmonizarão e concorrerão todos, mais ou menos, para o bem commum e para o desenvolvimento dos povos.

O que eu não quero é que nenhum d'elles explore a crudelidade do povo para servir a sua facção. O que eu não quero é que nenhum d'elles exerça vinganças e cometta violencias, dessedentando-se de odios represados, porque não quero e porque não posso ver sacrificado o todo á parte.

Eu quero o progresso; e o principio do sacrificio do maior numero em favor do menor é travão contra elle, porque o travão anti-social é despótico.

E' que quero que toda a politica assente as suas bases na liberdade e na ordem—na liberdade de onde resultará o equilibrio de direitos e obrigações, e na ordem para que d'esse equilibrio derive o funcionamento harmonico de todos os elementos sociaes em pro do bem-estar de cada um.

Seja qual for o partido que domine a dentro d'uma nacionalidade, esse partido tem o mais estricto dever de basear a sua acção governativa em principios tão exequiveis quanto praticos,—principios de equaldade a mais profunda de equaldade a mais completa, de liberdade a mais perfeita e de fraternidade a mais unida.

Só assim governará bem. As suas leis devem ser extensivas a todos ou, ao menos, á maxima parte dos cidadãos, visto que devem ter o caracter mais geral possível, como é do espirito de qualquer lei.

Devem ser elaboradas conforme ao estado intellectual, moral, economico, financeiro, etc., das sociedades a que se destinam.

Era preferivel que o povo estivesse preparado, sempre, para comprehender qualquer lei para

## Nota das quantias adeantadas á ex-familia real por alguns ministros monarchicos:

MINISTROS	Importancias		
	Pagas	Restituídas	Dos saldos em debito
1—Augusto José da Cunha . . . . .	120.000\$000	30.000\$000	96.000\$000
2—João Franco . . . . .	40.000\$000	38.000\$000	2.000\$000
3—Mariano de Carvalho . . . . .	50.000\$000	—	50.000\$000
4—Oliveira Martins . . . . .	2.703\$915	—	2.703\$915
5—Dias Ferreira . . . . .	25.333\$935	10.000\$000	15.333\$935
6—Augusto Fuschini . . . . .	11.000\$000	11.000\$000	—
7—Hintze Ribeiro . . . . .	667.691\$615	15.000\$000	652.691\$615
8—Ressano Garcia . . . . .	15.422\$000	—	15.422\$000
9—Manuel Affonso Espregueira . . . . .	810.031\$106	—	810.031\$106
10—Anselmo d'Andrade . . . . .	41.683\$168	—	41.683\$168
11—Mattoso Santos . . . . .	1.099.937\$070	—	1.099.937\$070
12—Teixeira de Sousa . . . . .	258.872\$520	—	258.872\$520
13—Rodrigo Pequito . . . . .	67.140\$934	—	67.140\$934
14—Conde Penha Garcia . . . . .	37.118\$663	—	37.118\$663
15—João Franco (ministerio de) . . . . .	97.807\$990	—	97.807\$990
	3.350.741\$916	104.000\$000	3.246.741\$916

Além d'estas importancias, ha outras provenientes de comboyos, telegrammas para o estrangeiro, obras no palacio, etc.

elle decretada mas succede que as leis são, antes, feitas para o povo. Mas deverão affastar-se tanto d'elle que não possam ser apprehendidas?

Certamente não; sob pena de desrespeito.

Todavia, fazer leis que não produzam conflagrações sociaes, isso depende de mil condições superiores que devem distinguir o caracter legista.

Isso depende de conhecimentos profundos de toda a especie e de principios multiplos e elevados, cuja reunião, no legislador, muito raro se pôde encontrar.

E é precisamente a carencia de conhecimentos profundos e de principios perfeitos e elevados que torna difficil a vida de muitas nacionalidades e torna mal queridos os seus dirigentes.

E' que a maior parte d'elles não sabe nem sente que «as grandes questões que agitam a sociedade actual, se mostram cada vez mais inseparaveis entre si: a solução d'uma liga-se numa relação de dependencia reciproca com a solução de outra».

Pretender hoje resolver, por exemplo, d'um modo completo, a questão politica, sem resolver ao mesmo tempo a questão economica, a questão moral, intellectual e religiosa, ou resolver uma d'estas sem o concurso das outras e seguir um caminho errado, é desconhecer a lei de consonancia que estreita uns aos outros tanto mais intimamente quanto maior é o seu desenvolvimento na trama da historia, os diversos ramos da cultura dos povos».

E' isto o que muitos estadistas não sentem ou não sabem e de cuja falta resulta muitas vezes extraordinario desequilibrio entre as nações e, por ventura tambem, a perda de autonomia d'um povo.

Assim o julgo

Paulo Stacio.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

## D'ALÉM-MAR

Manaus, 27-1-911

Não deve tardar muito a chegar a esta capital o sr. dr. Sá Peixoto.

Vem do Rio de Janeiro para onde se retirou, depois de violentamente se ter apoderado do Governo do Estado, destituindo o sr. Bittencourt, que o alto poder federal reintegrar com todas as garantias precisas.

O sr. Sá Peixoto era vice-governador do Estado, mas o congresso, com o fundamento de abandono do cargo, destituiu-o. Para o substituir, foi nomeado o sr. Furtado Belem.

A noticia da sua proxima chegada parece ter alarmado um pouco a população, correndo alguns boatos menos tranquilisadores. Mas esperámos mais alguns dias e talvez nada tenhamos de anormal a registrar. E', pelo menos, esse o nosso desejo.

Passou no dia 23 de março o anniversario natalicio do sr. José Vieira de Sousa, funcionario federal, a quem apresentamos as mais cordeas felicitações.

Na rua Ferreira Pena, deu-se, n'um dos ultimos dias de março, um facto deveras lamentavel.

Francisca Vieira e José Barbosa namoravam-se ha muito tempo, e parece que os ligava estreitamente uma afeição mutua. Barbosa resolvera-se, finalmente, a dizer á sua adorada Francisca que desejava casar quanto antes.

A apaixonada rapariga, segundo consta, respondeu-lhe n'estes termos:—se casasse com elle, serviria apenas para creada de sua familia, pois era morena e elle era branco».

O joven e apaixonado Barbosa ficou perturbadissimo com estas palavras. Sentiu cahir-lhe aos pés o castello das suas phantasias, perdeu todas as esperanças de felicidade, julgou-se o homem mais desgraçado do mundo, e, sahindo á rua, desfechou na cabeça um revolver, e morreu quasi instantaneamente.

NOTICIARIO

Deputados por Aveiro — São candidatos nas proximas eleições pelo districto:

Pelo circulo d'Aveiro — Dr. José Soares da Cunha e Costa, dr. Manuel Alegre, Albano Coutinho e Alberto Souto.

Pelo circulo d'Estarreja — Dr. Antonio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, dr. Bessa de Carvalho, Elisio de Castro e Antonio Valente d'Almeida.

Pelo circulo d'Oliveira d'Azeiteis — Dr. Francisco Correia dos Santos, Basilio Telles, Antonio Brandão de Vasconcellos e dr. José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.

Baptizado — Realisou-se, no dia 7, o baptizado d'uma creança do sexo masculino, filha do nosso presado conterraneo sr. Joaquim Domingues da Conceição.

Foram padrinhos da gentil creança a sr.ª D. Maria Elisa de Jesus e o sr. José Rodrigues Anileiro.

Julgamentos — Foi julgado no tribunal d'Aveiro, no dia 2 do corrente, em audiencia de jury, Manuel Fernandes Fura, d'esta villa, mais conhecido por o Carapanto, accusado de um crime de furto feito ao Rev. Prior d'Eirol. O reu, que é recorrente, foi condemnado em 3 annos de prisão celllar, ou, em alternativa, 4 annos de degredo.

Não ha muito tempo ainda, publicamos aqui uma carta, a pedido do referido reu, na qual este protestava a sua innocencia e procurava defender-se da accusação que lhe faziam. Como commentario a essa carta, dissemos apenas que desejaríamos que o julgamento do supposto criminoso não tardasse muito para evitar que se prolongasse a prisão preventiva, e formulámos tambem o voto de quem estimariámos ouvir dizer que lhe foi feita justiça.

Não assistimos ao julgamento e d'elle não tivemos conhecimento senão por uma carta que o proprio reu nos enviou, para publicarmos neste jornal.

Mas essa carta é muito extensa, e o espaço falta-nos. Limitar-nos-hemos, portanto, a dar d'ella apenas estas notas: o Fernandes Fura protesta mais

uma vez a sua innocencia, e pretende demonstrar que uma das testemunhas d'accusação, talvez a mais importante, na opinião d'elle, cahiu durante os interrogatorios, a que foi sujeita, em varias contradicções.

Pela nossa parte, accrescentaríamos apenas que não temos razões nenhuma para duvidar de que lhe tenha sido feito justiça e que, de resto, haverá occasião de os tribunaes superiores se pronunciarem, se porventura algum recurso foi interposto.

Tambem foi julgado no tribunal d'Aveiro, em audiencia de jury realisada no dia 5 do corrente, Manoel Marques d'Oliveira, accusado do crime de homicidio frustado na pessoa d'um tal Germano, lavrador, residente na quinta de St.º Antonio, d'aquella cidade.

O reu, que tem a profissão de cocheiro, conta apenas 25 annos e é natural da Oliveirinha, foi condemnado em vinte mezes de prisão, um anno de multa a cem reis por dia, custas e sellos do processo e dez mil reis para o advogado officioso.

Tambem o Marques d'Oliveira, á maneira do Fernandes, nos sollicitou a publicação de uma carta em que, como é natural, aduz algumas razões tendentes a provar a sua innocencia.

Porque não assistimos ao julgamento e por isso não temos elementos para o apreciar, limitamo-nos a dizer o mesmo que dissemos relativamente ao julgamento do Carapanto: os tribunaes superiores se pronunciarão sobre elle se porventura foi interposto recurso da sentença da 1.ª instancia.

Não publicamos a carta do sr. Marques d'Oliveira, na integra, por falta de espaço.

peração — Deu entrada no hospital de Santo Antonio, do Porto, a fim de ser operada, a sr.ª Maria das Neves, esposa do nosso conterraneo sr. José Marques Ferreira, mais conhecido por José Callisto que foi visita-la na quarta-feira passada.

Desejámos á enferma rapidas melhoras.

Ponte do Zezito — Encontra-se n'um estado verdadeiramente lastimoso a ponte do nosso campo, chamada do

mor que elle escreveu a celebre poesia — Marmelada — que damos em sua integra no fim d'aquelle capital. Por essa exhibição da verve, da satyra e da mordacidade com que azorraga o D. Victorino — O Marmelada — pôde o leitor julgar da immensidade do talento de João de Deus!

Nestes intervallos lucidos, que os tinha embora rapidos, era jocoso e de finissimo espirito, o que conservou sempre: — Em Lisboa ouvia elle o Theophilo Braga a discorrer sobre o seu velho e caprichoso atheismo, acabando por negar a existencia de Deus...

— Oh, Theophilo, interpellou-o João de Deus; se és meu amigo, nunca mais digas isso! Olha que eu sou de Deus! Se tu m'o tiras, acabo por ficar o sr. João!

Quando os estudantes de Coimbra foram a Lisboa saudal-o; na

Zezito. Apontamos o facto a quem superintende nos serviços hydraulicos, respeitantes a esta região, e muito estimaremos não ter de voltar ao assumpto.

Assistencia aos alienados — O Diario do Governo publicou hontem a lei da assistencia aos alienados de que publicamos os seguintes topicos:

Afim de assistir os alienados portuguezes ou habitando o territorio de Portugal, criar-se-ão, á medida que o permitam os recursos do thesouro, sete manicomios e dez colonias agricolas.

Os manicomios são de quatro categorias:

1.º — Manicomios de ensino (clínicas psiquiatricas, annexados pedagogicamente ás faculdades de medicina de Lisboa, Porto e Coimbra, e destinados sobretudo a casos recentes, agudos e reclamando um activo tratamento ou sendo, por qualquer titulo, de interesse para o ensino;

2.º — Manicomios regionaes, recebendo indistinctamente casos recentes e antigos, agudos e chronicos;

3.º — Manicomios criminaes exclusivamente destinados a delinquentes;

4.º — Manicomios-asilos recebendo dementes, idiotas, imbecis e debeis mentaes.

Todos estes manicomios recebem indigentes e pensionistas, cujas classes serão determinadas em regulamentos.

Nos manicomios de 1.ª categoria haverá uma consulta externa sobre doencas mentaes e nervosas, pelos medicos directores, seus adjuntos e assistentes. Esta consulta, gratuita para os pobres, não dá, todavia, direito a medicamentos ou a escolha de medico.

São manicomios de 1.ª categoria: 1 em Lisboa, de 800 leitos (400 homens e 400 mulheres) e 1 em Coimbra de 300 leitos cada um (150 homens e 150 mulheres).

São manicomios de 2.ª categoria: 1 em S. Miguel e 1 no Funchal de 300 leitos cada um (150 homens e 150 mulheres).

São manicomios de 3.ª categoria: 1 em Lisboa, de 300 leitos para homens, e 1 no Porto, de 150 leitos para mulheres.

São manicomios de 4.ª categoria: 1 no Porto, de 300 leitos (150 homens e 150 mulheres) e 1 em Coimbra, de 100 leitos (50 homens e 50 mulheres).

O hospital de Alienados do Conde de Ferreira de 550 leitos, que tomará o nome de Manicomio do Conde de Ferreira, pertence á 1.ª categoria e fica subordinado ás disposições d'este decreto, excepto no que respeita a sua directa e immediata administração a cargo da Misericordia do Porto, por determinação do seu instituidor.

O hospital de Rilhafolles, que tomará o nome de Manicomio Bom-

despedida, mandou-lhes este espirituosissimo cartão:

— Que vindes cá fazer, oh, mocidade?! — Despedir-vos de mim? Quanto vos devo! — Tumbem levo de vós tanta saudade. — Que em lá chegando, ao outro mundo, escrevo!

De um caracter especialissimo, insubordinado, trefego, não se podia coadunar com esta idéa de superior — ordem-obediencia, por obrigação.

Tens de fazer isto, João, queiras ou não... pois não faço, haja o que houver! Fico em inercia. Sou livre, sou um ser pensante; a minha liberdade só é governada pela minha razão e senso. A prova temo-la no seguinte facto: — Cursava o 5.º anno, sendo a cadeira de direito criminal regida pelo Bazilio Alberto, que depois foi Reitor, tão perverso quanto o foi como lente. Na aula

barda, ficará, uma vez construido o manicomio de ensino, pertencente á 4.ª categoria, com 500 leitos. Até então funcionará como manicomio de 1.ª categoria, com a população maxima de 700 alienados.

O manicomio recentemente criado junto da faculdade de medicina de Coimbra, que tomará a designação de Manicomio Sena, e considerado de primeira categoria com a população maxima de 300 doentes.

Todos os manicomios de 1.ª e 2.ª categoria terão pavilhões destinados ao isolamento de doentes affectados de molestias contagiosas e á observação de criminosos suspeitos de loucura.

As colonias agricolas, destinadas exclusivamente a homens (uma em cada provincia do continente, uma na Madeira e uma nos Açores) são de uma só categoria e de analogo tipo, formadas por terrenos de cultura, em que se ergam pavilhões para domicilio dos doentes e um edificio central destinado á habitação do pessoal superior, aos serviços de administração e a enfermaria destinada a doentes que offereçam episodios delirantes ou doencas intercorrentes.

Felix Pereira — A União dos Empregados do Commercio do Porto tomou a iniciativa da fundação d'uma Caixa de beneficencia, destinada a auxiliar a viuva e filhos do nosso saudoso amigo Luiz Felix Pereira de Menezes.

E' extremamente sympathica aquella iniciativa. Pela nossa parte, a ella nos associamos de todo o coração, e muito estimariámos que alguns dos nossos assignantes, pelo menos os que conheceram e estimaram o querido Luiz, esse bellissimo rapaz que havemos de recordar sempre com muita saudade, a apoiem e auxiliem.

Publicamos a seguir a circular que a referida União nos enviou:

Ex.ª Sr.

Felix Pereira, esse bello rapaz, que prestou bellos serviços á União e á classe dos empregados do commercio, e que pelas columnas dos jornaes deixou bem reveladas as suas qualidades de luctador e constructor, morreu ha um anno no Pará, longe da familia e dos amigos.

A chorar a sua perda deixou, immersa na mais cruciante saudade, uma santa senhora que elle escolheira para companhia e a orphanidade triste dos seus filhinhos.

Felix Pereira, deixou só o seu nome immaculado, por herança, e os seus, hoje, debatem-se n'uma lucta horrivel de arrostar com as difficuldades da Vida.

A União, por espirito de soli-

imperava o terror. Um tiro, que era dizer: — Não vi! — nunca estudante auzad se atraveu a dá-lo; uma nota menos que soffrivel era passaporte franco para um — R — e sem reabilitação possivel, porque nunca mais chamava o estudante.

O João de Deus vivia atazanado com isto e dizia sempre: — No dia em que me chamar, prego-lhe o tiro! Se o tiro tiver o poder de mata-lo, alegrem-se, rapazes, tem de morrer as minhas mãos!

Correram os dias, até que chegou o momento fatal... foi chamado o João de Deus.

— Sr. João de Deus! Levantou-se o J. de Deus e disse em voz clara e pausada: — Não vi! — Como?! não ouvi bem! — Não vi! — Repetiu o João, mais alto e mais pausado.

O pobre suicida contava apenas 21 annos. A desventurada Francisca Vieira, com a morte do noivo, ficou, pôde dizer-se, sosinha no mundo, pois já era orphã de pae e mãe.

— Chegou aqui no dia 25 do mez passado o sr. dr. Justiniano Serpa, emissario do Governo Parraense, que vem tratar da fundação do Banco Agricola e Hypothecario, destinado a garantir o preço do primeiro producto do Amazonas — a borracha — a qual tem baixado de preço consideravelmente, pois está a vender-se a 70000 reis por kilo.

O sr. Serpa foi recebido condecoradamente, sendo muito festejado pelo commercio e altas auctoridades do Estado.

— Acabou de ser nomeado presidente do Banco do Brazil o sr. João Coelho, governador do Pará.

— Esteve, ultimamente, nesta capital, a companhia dramatica Froes, de que faz parte a distincta actriz Rentini.

Apesar de não ter artistas capazes de desempenhar bem os principaes papeis d'algumas peças que levou á scena, agradou bastante.

Retirou, mais depressa do que contava, em virtude de a febre ter victimado dois artistas. Algumas actrizes desligaram-se da companhia, e deixaram-se ficar por cá, não fazendo caso das febres amarellas. Esta terra, digam lá o que disserem, é bella e atrahente.

— Seguiu para Portugal, a minha querida e sempre saudosa Patria, o sr. Antonio Soares socio respeitabilissimo da importante firma Lopes, Pinho, Soares & C.ª (Portugal).

Desejo-lhe uma viagem muito feliz.

— As egrejas, pela Semana Santa, foram muito visitadas. A procissão do Enterro, na sexta-feira, foi concorridissima.

— Seguiu para Portugal o sr. Joaquim Teixeira, honrado cidadão, bemquisto por todos aquelles que o conhecem.

Joaquim Teixeira é filho do concelho de Castello de Paiva, terra progressiva, que dentro em pouco poderá contar-se entre as mais importantes da Republica Portugueza.

— Continua a interessar a colonia portugueza a discussão sobre as côres da bandeira de Portugal. O Portugal Moderno, no seu ultimo numero, publica a seguinte lista de votos.

Table with 2 columns: Color and Votes. Azul e branca: 6719; Verde e encarnada: 330; Diferença a favor da azul e branca: 6389.

— A' hora em que fecho esta carta, correm boatos perturbadores. Muito estimarei que não aconteça nada de anormal.

Annibal C. F. Paiva.

TYPOS ACADEMICOS

LENTEs E ESTUDANTES

João de Deus

(CONTINUAÇÃO)

Foi com este C rreá que se ligou e ambos foram residir em Cellas.

Dizem e corria como certo, atestado pelos moradores de Cellas, que nos tres mezes de ferias, os dois beberam uma pipa de vinho, fóra o mais.

Na volta dizia o Corrêa: — a bebida e a solidão fazem os santos; os inimigos da alma são tres: mundo, diabo e carne, vejam que ahí não ha bebida, que é amiga; que a missa celebra-se com o vinho.

Curei-me da genebra, só bebo vinho

Assim foi por algum tempo, mas, afinal, misturava genebra e Porto. Não ha combustão espontanea; é uma ficção; se a houvesse, o Corrêa teria sido consumido pelo fogo azulado do alcool.

O João de Deus, na verdade, voltára transformado. Contava com muita verve os episodios da estadia no deserto — como lhe chamava, e fazia a apothese do Corrêa ao som das francas risadas.

Napoleão, dizia elle, contava que as batalhas mais terriveis, que venceu, foram as dadas contra o tédio — que conseguiu vencer; eu em Cellas, a minha Santa Helena, fui um Napoleão! Venci o tédio, dominei-me!

De facto, houve um cataclysmo; João de Deus voltára outro!

Foi nesse periodo de bom hu-

daridade e condôfa da situação critica da pobre senhora e dos seus filhinhos, quer acudir-lhes e minorar-lhes quanto possivel as agruras de tal estado.

Para isso resolveu fundar uma caixa beneficente, com o nome do seu chorado consocio, que terá por fim soccorrer a viuva e os filhos e garantir a educação dos orphãos.

Este auxilio poderá ser feito por uma só vez, concorrendo V. Ex.ª com o que desejar, ou quotas mensaes na quantia de 100 réis.

Tomamos a liberdade d'enviar a V. Ex.ª o boletim de inscripção, conscios de que a bondade d'alma e a generosidade de seu coração acolherão com sympathia a resolução da União, praticando V. Ex.ª d'esta forma um acto de solidariedade e beneficencia.

Saude e Fraternidade.

Porto, 20 de Abril de 1911.

O Conselho Director da União dos Empregados de Commercio do Porto e a Direcção d'«O Caixa do Norte».

NOTICIAS PESSOAES

Délivrance

Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do nosso amigo e conterraneo sr. Sebastião Gomes de Magalhães.

Doentes

Tem passado doente a sr.ª D. Maria Thereza, mãe dos nossos presados conterraneos srs. Carlos, Venancio e Sebastião Rodrigues de Figueiredo. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Continúa doente a sr.ª D. Amelia Reis cujas melhoras sinceramente desejamos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 11

Encontra-se bastante doente o nosso amigo sr. José Ferreira Garro a quem desejamos rapidas melhoras.

Ha dias soffreu grandes queimaduras nas mãos, quando procedia á limpeza d'um fogão de gaz, o sr. Adriano Caldas. Deu logar ao desastre o sumo da uva.

O sr. Caldas tem experimentado sensíveis melhoras, com o que muito nos congratulamos, desejando-lhe completo restabelecimento.

Acaba de fallecer, nesta cidade, uma interessante menina, filha da sr.ª Olivia Dias da Silva, sendo o seu enterro feito civilmente. No préstito funebre incorporaram-se perto de duzentas pessoas, pagando ao caixão quatro creancinhas, vestidas á Republica. A commissão republicana do centro 5 d'Outubro fez-se representar pelo sr. Manoel Dias da Quinta e o centro dr. Miguel Bombarja pelo sr. Adriano Caldas.

—Está bem: pôde sentar-se.

Todo o curso viu lançar em frente ao nome de J. de Deus os dois riscos atravessados. —o que queria dizer: morto! cemiterio!

Nunca mais o chamou.

Era lição nesse dia: — as penas e o direito de punir.

Chegado o acto, todo o curso foi assistir, a vêr o resultado da lucta entre João de Deus, Basilio Alberto e a inevitavel reprovação.

Depois do cerimonial, leitura de dissertação, e, chegada a vez do Basilio Alberto, este deixou a materia do ponto e procurou o João de Deus, justo na lição em que lhe havia dado o—tiro!

Ah, que belleza e que delirio!!

O João acobertou a capa; co-feou os negros cabelos, o bigode e assim começou: — «a materia altamente philosophica; toda ella do dominio do direito natural, estende-

O caixão da desditosa creança, que contava apenas dois mezes, ia completamente coberto de flores, chamando a attenção de todas as pessoas que passavam. Numerosas varinas, com grandes ramos de flores, acompanharam o cortejo funebre até o cemiterio. Entre as muitas pessoas que se incorporaram no préstito, recorda-nos ter visto os srs. José Gordo, Francisco Marques dos Santos, Manoel Rodrigues, Antonio Marques dos Santos, Alvaro Ferreira, Domingos de Oliveira Lêgo, Joaquim Carvoeiro, Innocencio Bettencourth, Antonio Nunes de Abreu; Manuel Nunes Ribeiro, Manuel Lopes e muitos outros, de cujos nomes não nos foi possível tomar nota.

—A' hora em que escrevo, 8 da noite, ouvem-se repetidos toques d'apito, para os lados da Praça do Brazil. Para lá nos dirigimos a informarmos-nos do que se tratava: verificamos que se tinha dado um abalo entre um carro electrico e um automovel, ficando este feito em pedaços, e algumas pessoas feridas.

O chauffeur e o guarda-freio foram presos, os quaes atiravam com as culpas um para o outro. A circulação esteve interrompida durante uma hora, desde a Praça do Rio de Janeiro até á Praça do Brazil.

—Venho, mais uma vez, por este meio, pedir ao meu amigo Manuel Dias d'Andrade, digno correspondente do «Correio do Vdugo» em S. João, para dar algumas informações do que por lá se passa aos seus conterraneos que, como eu, estão longe. Parece-me que não fará com isso grande sacrificio, pois nem o tempo nem o assumpto lhe faltam.

Em Loure, segundo nos constam, roubaram ao sr. Manuel Lopes 50 vidéiras. D'antes, havia o costume de curtar as cepas ou de deitar-lhes o fogo. Era um crime repugnantissimo. Agora vai pegando a moda de as arrancar pela raiz. Não será tempo de acabar com estas e outras patifarias? Cautella, srs. gatuños, que os tempos mudaram. O sr. Lopes, se não estou em erro, já deu a respectiva participação em juizo.

Bom será que as auctoridades não descancem e que, uma vez descobertos os auctores da referida proeza, sejam punidos com severidade. Em todo o caso, que haja tambem todo o cuidado e escrupulo nas prisões a effectuar, para que não aconteça como ha annos, em que foram presos, como supostos auctores d'um crime identico, rapazes honestos, e absolutamente innocentes.

—Encontra-se nesta cidade, vindo de Loure, o sr. Francisco Ferreira, que veio expressamente tomar conta do logar de contra-mestre na alfaiataria do nosso amigo José Tavares de Figueiredo, rua de S. Bento, 462, o qual tem conseguido, ultimamente, uma clientela verdadeiramente extraordinaria, devido á perfeição de todos os trabalhos que saem da sua casa e á honestidade com que sempre trata.

—No ultimo domingo, o nosso amigo Antonio Dias Maia, filho de Antonio Dias Maia e de Domingos de Jesus Maia, natural de S. João de Loure mas aqui residente ha muito tempo, quando passava na Avenida das Cortes foi agredido por dois rufias que lhe deram duas facadas. Compareceu a policia que levou o ferido, em estado grave, para o hospital de S. José, on te elle ficou na enfermaria de S. João Baptista. Faço votos por que se restabeleça depressa. —Melicias.

Alquerubim, 8

Enforcou-se hoje numa loja de sua casa em Frossos, Francisco da Silva Lorangeira, viuvo, o qual tinha de se apresentar amanhã na cadeia a cumprir tres mezes de prisão, em que tinha sido condemnado.

—Tambem naquella freguezia morreu, repentinamente, ante-hontem, Antonio Dias da Silva, que andava na bateira a pescar. Como se demorasse, foram procura-lo, encontrando-o morto na bateira —C.

se por um campo tão vasto, que enaamento a escassez do tempo, o certo tipo da ampulheta que ligeira vâ, temendo não poder desenvolver tão bella these.

—Não seja a duvida; o tempo proroga-se; quando o procurer aqui, fêi contando com os seus vastos conhecimentos e ri-se, esperando o estuderete, para saltar a raposa.

O João de Deus tambem riuse e entrou em materia. Estava illuminado; nós olhávamos para elle com pasmo! Quando entrou na pena de morte e descreveu Moysés descendo do Sinai, sobraçando o D. catologo que recebera das Mãos de Deus, por entre nuvens de fogo e em baixo quebrou a 5.ª tabua — Não matarás —para passar a fio de espada 25 mil Hebreus, nesse momento, inspirado ergueu-se no mais acrysolado dos enthusiasmos, dominando a assembléia com a sua eloquencia;

Leituras amenas

VER E OUVIR

Na comarca de Cascos de Rolha foi julgado, na semana passada, um caso grave de sevicias intra-conjugaes. Um marido natural de Mau Genio, accusado de tocar piano frequentemente nos lombos da mulher, com grande escandalo da gente séria, foi levado ao banco dos réos para responder pelo delicto. As testemunhas, tanto de accusação como de defeza, não faltaram, como não faltam nunca. Mas, d'entre as primeiras, uma houve que, pela firmeza do seu depoimento, calou mais fundo no animo do juiz:

—Então a testemunha viu o réu agredir a consorte?...

—Não, senhor juiz; ouvi-a queixar-se por elle lhe bater, e muitas vezes ouvi que elle lhe batia...

—Mas se não viu, como pôde afirmar que elle lhe batia?.. Não poderia ser outro o aggressor?.. A testemunha confessa que não viu...

—Sim, talvez, sr. juiz, talvez fôsse outro... Eu realmente, não vi, ouvi...

—N'esse caso não jura?...

—Isso não, sr. juiz...

—Bem. Pôde levantar-se...

A testemunha levantou-se, para mudar de poiso, e teve um descauido. O juiz, furioso, grita-lhe sem mais detença:

—Então que pouca vergonha é esta aqui?

—O quê, sr. juiz? —volve-lhe serenamente a testemunha.

—O senhor esquece-se d'onde está! Então isto aqui é a mãe Joanna?!

—Mas eu não sei o que v. ex.ª quer dizer na sua...

—Não sabe?!...

—Não senhor...

—Então você nega uma coisa que todo o tribunal ouviu?...

—Ah! Não, de modo algum, senhor juiz! Simplesmente, approximando casos, eu perguntarei a v. ex.ª se o tribunal viu... que fui eu!

O DIABO E O VENTO

Em Roma, deante da igreja de Jesus, servida por jesuitas, ha sempre uma grande ventania. A razão é a seguinte:

Um dia, o Diabo e o Vento andavam juntos, de passeio, pelas ruas de Roma.

Tendo chegado em frente do collegio dos jesuitas, o Diabo parou e disse ao Vento:

—Espera-me aqui um minuto; tenho umas cousas a dizer a uns amigos que moram n'este convento.

Mas uma vez que se viu em casa dos jesuitas, o Diabo achou-se lá tão bem, que nunca mais d'alli sahio.

E o Vento continúa a esperar-o cá fóra.

queimava com o fulgor dos olhos negros, tão vivos como as chammas do Sinai! Quando concluiu dizendo: — A sociedade tem o direito de defeza, nego-lhe o de punir, os lentes, una voce, inclusivé o Basilio Alberto, exclamaram: —Magnifico! Entro-lhavam-se pasmados!!

Excusado é dizer, que foi approved — nemine descrepante — e felicitado pelo brilhantismo do acto e a victoria sobre o B. Alberto.

Tal é, tal era, tal foi o caracter de João de Deus.

Trindade Coelho, quando o descreve em Messines, mergulhado no eterno tedio... as duvidas... os sim... não... vou... não vou... dá a figura do João de Deus completa e acabada.

Pensei sempre que a sua mysanthropia o levaria ao tumulto miuado pela tisica, como o nosso Casimiro de Abreu; pelo alcool como

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Transporte (174\$650), Padre Manuel da Cruz (1\$500), José Liborio (1\$000), D. Carolina Adelaide de Mello (1\$000), Manuel Rodrigues Vieira (1\$000), Bispo d'Angola e Congo (10\$000), and Somma (189\$150).

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

A SAHIR BREVE:

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

ABC Illustrado

por

ANGELO VIDAL

Fagundes Varella, ou uma pillula de arsenico, caso não fosse uma bala de pistola, acabaria com aquella existencia, lavrada e devorada pelo spleen!

Assim não foi; Deus o havia fadado para mais alto destino.

Veio o Carochas para o Brazil, trazendo o canudo e as duas cartas. Mais tarde, tendo sido eleito deputado, veio residir nesta capital, onde teve a ventura de encontrar seus velhos camaradas Drs. Ziferino Candido e João Chaves, proprietarios do Collegio de S. Pedro de Alcantara

Só então teve elle noticias do João de Deus, casado, com filhos e auctor de um systema novo para educar creanças, fazel-as lêr sem esforço, e do qual era propagandista o meu amigo Dr. Ziferino Candido, que adoptára e executava no seu inolvidavel collegio.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

por

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Me djeina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

e

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole; o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

A SAHIR BREVE

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

Padaria Lamego

DE

José Ferreira Coelho de Magalhães

529, Rua do Almada, 533

PORTO

Pão de todas as qualidades, bijou, hespanhol e familia.

Fabrico especial de pão de Lamego.

Distribuição a qualquer hora para todos os poutos da cidade.

Vinhos licores, bolachas, tabacos, etc.

Fiquei assombrado e não podia acreditar que João de Deus se tivesse casado, fazendo no lar a felicidade da esposa em eterna lua de mel, levando o amor paternal, a piedade pelos filhos até ao ponto de sacrificar as horas de lazer, as noites tão precisas para o descaço, sobretudo a um cerebro em ebulição como o d'elle, a investigar, a descobrir o meio de educar o filhinho sem esforço, sem constrangimento, sem cançar-lhes os tenros cerebros... Oh mysterios de Deus!! Quem ousára aventurar juizo sobre tal transformação?

(Continúa)

Dr. Antão de Vasconcellos.

(Do «Mata-Carochas».)

# LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA  
44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

### Ultimas publicações:

## MANUSCRIPTO

DAS  
**ESCOLAS PRIMARIAS**  
(Illustrado)  
por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, ont endo variados typos de letra, alguns muitos proprios para mo- elos calligraphicos, modelos de re- querimentos, letras, cheques, etc.  
Autographos de distinctos escri- ptores e de grande numero de pro- fessores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

**Desenho Geometrico dos Lyceus**, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

### A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças  
**Puerilidades**  
por Angelo Vidal

Poesias e monologos para crean- ças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

## PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS  
Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, na da Prata, 160, LISBOA.

## GRAMMATICA ELEMENTAR

DA  
**LINGUA PORTUGUEZA**  
PARA  
USO DOS ALUMNOS  
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas  
POR  
**ALBANO DE SOUZA**  
3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um va- lioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, ex- tremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

### ATUDA A

Cartonado 150 reis

**PROGRAMMAS D'INSTRU- ÇÃO PRIMARIA**—Com modelos para requerimentos de exames de nstrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema me- trico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrução Pri- maria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 100 reis



## ANGELO VIDAL

# A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

## Manuscripto das Escolas Primarias

POR  
**Angelo Vidal**

Edição da Livraria Fernandes  
Suc. J. Pereira da Silva  
44—Largo dos Loyos—45  
PORTO

O *Manuscripto das Escolas Prima- rias*—contem exercicios graduados e va- riadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que co- nhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhe- cido de quem se póde dizer, como al- guem disse do mallogrado Pinheiro Cha- gas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

## A FAMILIA MALDONADO

POR  
**VIEIRA DA COSTA**

## OS TRISTES

POR  
**FRANCISCO BARROS LOBO**

Livraria editora de Gomes de Carva- lho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

## A B C

ILLUSTRADO  
POR  
**ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias.

2.<sup>a</sup> edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facili- dade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», pro- curou o auctor, n'este modestis- simo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommen- da-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este me- thodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão- 27300 reis.

### LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição do infer- no e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Tradu- ção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres car- tas traduzidas por Marianna Carva lhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete of- ferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL  
DE  
Gomes de Carvalho, editor  
158, Rua da Prata, 160—LISBOA  
MALVERT

## SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.<sup>a</sup> edição franceza por  
**HELIODORO SALGADO**

Esta obra é um ensaio de vulga- rização, em fôrma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum ho- mem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras  
Preço 500 reis

### Bibliotheca Humoristica

## A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR  
**Ferreira Manso (V. LHACO)**  
PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas ve- zes por mez, aos ouvidos do pu- blico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titu- lo do 1.<sup>o</sup> volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livra- ria Central, de Gomes de Carva- lho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 pagi- nas, de numerção seguida, cons- tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do a ctor e cem pe- quenos artigos de critica aos exag- eros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... se- guir-se-hão as «Gargalhadas sata- nicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que re- presentam a tyrannia, a explora- ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; de- pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que hão-de se- guir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a carac- terisal-a o bom humor permanen- te, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um ver- dadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

# CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

### ASSIGNATURA

Portugal—anno . . . . .	18200
—semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	18500
Brazil —anno—(moeda forte) .	28200

### PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . .	10 reis
Communicados, cada linha. . .	20 "
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

# CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com. Int.

4.<sup>o</sup> ANNO—N.<sup>o</sup> 19